

SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA REGIÃO DE VALÉRIA/AM: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E TURISMO

Naia Maria Guerreiro Dias

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/Ufam) e Pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa FAPEAM, naia_dias@hotmail.com

Renan Albuquerque Rodrigues

Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/Ufam)

RESUMO:

Este artigo versa acerca da Educação Patrimonial em contexto rural, com ênfase na relação existente entre o turismo e o patrimônio cultural, sendo que o universo estudado foi o sítio arqueológico São Paulo, região da Valéria/AM, procura fazer uma descrição do contexto sócio histórico, econômico e cultural das comunidades tradicionais que integram a região e a relação que estabelecem entre si. Destaca como essas comunidades estão diretamente ligadas a prática do turismo em áreas de patrimônio arqueológico e promove um diálogo entre a educação patrimonial, patrimônio arqueológico e o turismo em contexto rural do município de Parintins/AM.

Palavras-chave: patrimônio cultural, sítio arqueológico, educação patrimonial e turismo.

INTRODUÇÃO

Estudos apontam que em diferentes partes da região Amazônica, já havia ocupação por populações especializadas na pesca, coleta e caça de animais de pequeno porte, por volta de 7.000 a.C segundo Anna Roosevelt (1994). Esses povos da Amazônia estavam concentrados próximos aos rios e no litoral, por isso além de se alimentarem de frutos tropicais e peixes, comiam também moluscos, os quais descartavam as conchas na terra, o que veio a formar os sambaquis, e que na perspectiva da referida arqueóloga configura-se como sendo o estágio cerâmico inicial.

Atualmente na Amazônia, embora haja pesquisa para a verificação de sítios arqueológicos, ainda são mínimos os dados obtidos, devido a complexidade da região. No Estado do Amazonas, segundo o levantamento arqueológico do município de Manaus (2006) destaca-se que na própria capital do Amazonas e nas adjacências, ocorreu uma rica ocupação humana, anterior a fundação da fortaleza de São José do Rio Negro.

Os sítios arqueológicos, testemunhas dessa história estão em toda a parte. Sendo estes utilizados também como atrativos turísticos, como é o caso dos sítios arqueológicos Santa Rita e São Paulo da Valéria, situados na região da Valéria, zona rural da cidade de Parintins, fronteira do Estado do Amazonas com o Pará.

Busca-se nesse artigo discutir sobre a complexidade e a relação do turismo em áreas arqueológicas, a qual pressupõe a atuação significativa de comunitários, tendo em vista minimizar impactos negativos, além disso, destaca-se a fundamental importância da educação patrimonial como forma de preservação do patrimônio cultural.

METODOLOGIA

A pesquisa enquadra-se no campo teórico da história da cultura material, que estuda os objetos materiais em interação com aspectos concretos da vida humana (BARROS, 2005). Nessa perspectiva, a pesquisa se desenvolveu a partir de abordagem qualitativa, a qual parte do fundamento de que “há relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, que o objeto não é um dado inerente e neutro, esta possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2001, p. 79)”.

O local da pesquisa de campo foi o sítio arqueológico São Paulo da Valéria/AM, comunidade rural de Parintins/AM. Tendo como participantes 10 moradores locais. Os instrumentos e técnicas para a coleta de dados foram observação participante, entrevistas semiestruturadas e diário de campo, bem como registros fotográficos e depoimentos gravados de histórias de vida dos moradores locais.

Os dados coletados foram transcritos, categorizados e analisados a partir dos aportes teóricos que subsidiam a discussão, visando apresentar possíveis respostas a problemática investigada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Região de Valéria: caracterização e cotidiano

A região da Valéria fica situada na fronteira do Estado do Amazonas com o Pará. É uma área de terras altas, formada por platôs dissecados de Alter do Chão/PA, com altitudes de até 100m. A serra da Valéria possui 115m de altura (AZEVEDO FILHO, 2013). A região é fortemente marcada pela presença local de vestígios arqueológicos, onde parte dos artefatos ficam expostos a céu aberto (DIAS *et al.*, 2015).

Integram o complexo as comunidades de São Paulo, Santa Rita de Cássia, Betel, Bete Semes e Samaria, as quais possuem relações entre si e com o ambiente sociohistórico onde residem. Cada uma dessas comunidades tem suas especificidades, apesar de estarem assentadas em uma mesma área territorial.

Bete Semes localiza-se às margens do lago da Valéria e significa a arca que contém a

presença de Deus (FONSECA, 2010). É uma comunidade evangélica do seguimento cristão da Assembleia de Deus. Foi fundada no dia 27 de abril de 1987. Possui cerca de 35 famílias. Há uma escola que funciona para os primeiros anos da Educação Básica. A economia local está baseada na pesca, agricultura, caça, produção de artesanato e também do turismo temporário.

No período em que os transatlânticos vêm até a região da Valéria – outubro a abril – os artesãos de Bete Semes organizam barracas na Comunidade de São Paulo/AM para fazerem a exposição e venda de produtos locais. É uma prática que ocorre anualmente. Apesar da pouca estrutura para essa atividade, os moradores de Bete Semes empenham-se em apresentar um bom serviço aos turistas.

Betel é comunidade evangélica pertencente a igreja Pentecostal Unidos do Brasil. Possui 23 famílias e tem uma escola de base, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A agricultura, a pesca e a produção artesanal configuram-se como práticas cotidianas de economia local. Comunitários participam ativamente do turismo desenvolvido na região, tanto com a produção de artesanato como com passeios de canoas pelo igarapé e lago que constituem a paisagem do lugar.

Samaria é uma colônia onde residem 93 habitantes. Alguns moradores da comunidade de São Paulo/AM também tem moradia nesse lugar, em decorrência do período da cheia, bem como para a produção agrícola e caça. O local conta com escola de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. O modo de vida é baseado na agricultura de subsistência, na pesca e na produção de artesanato.

São Paulo fica localizada às margens do rio Amazonas, tendo confluência com o igarapé e o lago da Valéria, sendo conhecida como “Boca da Valéria”. A paisagem natural faz da comunidade atrativo turístico, seja ele nacional ou internacional. A comunidade fica localizada no sopé da Serra da Valéria, onde turistas e mesmo moradores locais desenvolvem diversas atividades. É registrada como sítio arqueológico, identificada por AM-PT-02 (HILBERT, 1975; SIMÕES e ARAÚJO-COSTA, 1978).

É o lugar onde demais comunidades do entorno organizam barracas para se efetuarem vendas de artesanatos, medicamentos naturais, culinárias regionais e réplicas de vasilhas com características indígenas. Também se dá no local a exposição de peças de artefatos arqueológicos e além disso são feitas dramatizações e apresentadas a turistas.

A comunidade de Santa Rita de Cássia é a maior das comunidades assentadas na região da Valéria. Possui 447 pessoas distribuídas em 62 famílias (SENSA, 2011) e se constitui como espaço sociocultural relevante para estudos científicos de patrimônio cultural e artefatos arqueológicos. É banhada pelo lago da Valéria e está localizada sob o sítio arqueológico o qual foi inicialmente

identificado por Hilbert (1975) com o nome de AM-PT-01.

Nos anos de 2007 e 2008 foram realizadas pesquisas arqueológicas na região a partir de ação conjunta do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Projeto Amazônia Central (PAC-MAE/USP) e o Projeto Baixo Amazonas (PBA), visando efetivação da etapa de delimitação e escavação (LIMA, MORAES e PARENTE, 2013).

Depois da atividade do IPHAN, sobre a importância da educação patrimonial realizada no sítio, os moradores passaram a guardar os artefatos arqueológicos em uma das salas da Escola Municipal Marcelino Henrique, como forma de preservá-los e também serem apresentados a turistas e mesmo a visitantes que sempre estão na comunidade de passagem.

No cotidiano da comunidade há a prática do curandeirismo alicerçada pela medicina tradicional. Silva *et al* (2009) afirmam que no local, além de cerâmicas com decoração em motivos antropomorfos e zoomorfos, também se encontram patrimônios culturais que precisam ser considerados como materialidades representativas de crenças espirituais.

A comunidade tem uma escola municipal de atende todas as etapas da Educação Básica, recebendo a partir do 6º ano alunos moradores das demais comunidades e que fazem parte da região da Valéria. O Ensino Médio é ministrado através da mediação por tecnologia. A economia local é pautada na prática da agricultura, pesca e caça, tendo um pequeno comércio onde se trabalha também a produção artesanal.

Assim como as demais comunidades, Santa Rita se organiza para a prática do turismo, sobretudo o internacional, em que artesãos locais se reúnem na comunidade de São Paulo para vender seus produtos, fazer passeios de canoas ou levarem os turistas para a realização da pesca esportiva. Do seu modo, moradores da Valéria fazem de período turísticos momentos para melhorar a renda local.

Educação Patrimonial em contexto rural

Ao propor a educação patrimonial no contexto rural, fez-se importante entender que moradores do sítio arqueológico São Paulo/Valéria tem seu próprio modo de vida, suas práticas e percepções acerca do patrimônio cultural onde residem.

Acredita-se que através do exercício da educação patrimonial seja possível entender o conceito de patrimônio cultural que os habitantes possuem sobre o ambiente que os circunda; como ocorre o processo de identificação com os seus antepassados; e como saberes e fazeres transmitidos emolduram identidades culturais.

Para Márcio Souza (2009, p. 15-16), “se uma geração inteira perde o contato com a história perde qualquer atitude crítica em relação ao seu presente [...] Cada momento da história é uma perfeita fusão do plural e do singular”. Mas como envolver a comunidade no trabalho de preservação do patrimônio?

O primeiro passo é o incentivo ao conhecimento. Compreender o que se constitui como cultura para o local e como o patrimônio e as famílias transmitem essa cultura entre as gerações. Conforme reflexões de Thompson (1998, p. 9) “a cultura é a essência daquilo que converte indivíduos humanos em grupos [...] Daí a necessidade universal de transmissão da cultura entre as gerações”.

O sítio arqueológico da região da Valéria garante à continuidade memória coletiva e forma entre moradores uma identidade dentro do núcleo comunitário. A sensibilização pela preservação do patrimônio torna-se salutar e isso pode ocorrer de modo formal ou informal no cotidiano desses moradores.

Moratto e Kelly (1978) salientam que o envolvimento da coletividade é fundamental para a difusão da prática de preservação de sítios arqueológicos. As escolas, bem como outras instituições sociais, constituem-se como parceiras nesse processo de educação patrimonial, pois juntas podem atuar na realização de palestras ou campanhas de conscientização sobre a importância do patrimônio material e cultural para o estudo da história.

Na região de Valéria/AM pode-se observar que moradores possuem práticas diferenciadas em relação ao lugar onde vivem. Como o turismo é uma das atividades desenvolvidas na localidade, houve por muito tempo, mais precisamente desde a década de 1970 até 2007, atividade de venda ou troca das peças arqueológicas a visitantes, fossem eles nacionais ou internacionais.

Com intervenção realizada pelo IPHAN, foi possível a tomada de atitudes diferenciadas ante a atividade. No entanto, por não haver continuidade das ações, a comunidade, que tinha um mini-museu instalado, hoje não dispõe mais desse espaço. Artefatos que ficavam expostos nesse museu estão ensacolados e deixados em um canto da escola local.

Horta, Grunberg e Monteiro (1999) afirmam que a educação patrimonial é um processo permanente de trabalho educacional, é fonte de enriquecimento individual e coletivo, sendo fundamental a efetivação de duas frentes de formação para serviços coletivos: uma educação formal, junto das escolas frequentadas pelos moradores da comunidade, e outra na própria comunidade.

Camargo (2002) enfatiza que são os habitantes da localidade e do entorno os primeiros a

serem sensibilizados, com apoio na afetividade, para valorizar o patrimônio. São as comunidades e os grupos locais que irão garantir a preservação formalmente, por intermédio da escola ou informalmente por meio do lazer.

Nessa conjuntura, destaca-se a relevância da educação patrimonial no sítio arqueológico na região da Valéria/AM, acreditando que por meio dessa ação na zona rural seja possível promover momentos de debate entre os comunitários acerca da valorização da materialidade, fomentando a historicidade desse povo amazonense.

Patrimônio arqueológico e turismo na região da Valéria/AM

Em razão do paisagismo natural e cultural, a região da Valéria tornou-se um dos atrativos turísticos do Baixo Amazonas desde a década de 1970 de acordo com relatos de moradores mais antigos da comunidade. O interesse pelo lugar parte tanto de turistas nacionais como internacionais. Anualmente, diversos transatlânticos tem em seu roteiro a região da Valéria como referência para a visita, compra de artesanatos, passeio na serra, no sítio, enfim, diversas atividades são realizadas por eles ainda que de modo rudimentar.

O turismo tornou-se prática local e para isso se criaram espaços de recepção a turistas, principalmente para os que aportam em transatlânticos. Estes geralmente vem para conhecer o cotidiano, o modo de vida local, visitar o sítio arqueológico, comprar artesanatos, etc.

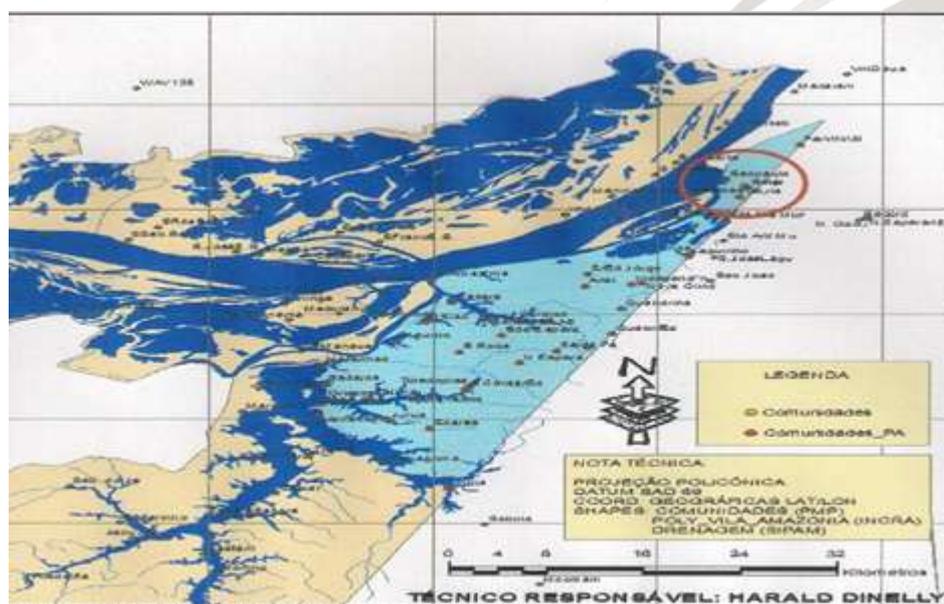


Figura 04: Localização da Boca da Valéria no P.A. Vila Amazônia.
Fonte: Secretaria de Turismo de Parintins – SECTUR, 2009.

A comunidade de São Paulo, por ser assentada às margens do rio Amazonas, é lugar onde demais comunidades do entorno organizam barracas para se efetuarem vendas de artesanatos, medicamentos naturais, culinárias regionais e réplicas de vasilhas com características indígenas. Também se dá a exposição de peças de artefatos arqueológicos locais e além disso são feitas dramatizações a serem apresentadas a turistas.

Moradores locais oportunizam passeios de canoa ou a pé, por trilhas do sítio arqueológico, em meio a rios e florestas; há a oportunidade de se fazer escalada na Serra da Valéria, onde, apesar da dificuldade, se pode contemplar do topo, o rio Amazonas, o lago e o igarapé da Valéria.

Mas entende-se que a complexidade do turismo em áreas arqueológicas pressupõe a atuação significativa de comunitários, tendo em vista minimizar impactos negativos. Uma das preocupações com as atividades turísticas em sítios arqueológicos habitados é a comercialização de artefatos pertencentes a uma memória social que precisa ser preservada (MENESES, 2004).

Para evitar que essa prática errônea tomasse conta da vida local, um grupo de mulheres artesãs criaram a Associação dos Artesãos de São Paulo da Valéria – a ARTSAMPA, dessa instituição partiu a iniciativa de produção de réplicas das vasilhas de barro muito encontradas no sítio e que muitas vezes eram doadas ou vendidas aos turistas.

A prática do turismo local de modo planejado pode vir a ajudar na manutenção e preservação de vestígios e artefatos. E esse planejamento tende a requerer a adaptação da visitação a especificidades locais, a partir, por exemplo, da construção de estruturas para o acesso a sítios, com placas sinalizadoras de áreas frágeis, controle de visitação e informações sobre a história do local.

Para Murta e Albano(2002) as forças de mercado que movem o turismo tendem a transformar alguns sítios históricos em meros cenários e as comunidades em museus performáticos. Por isso deve-se ter o cuidado com a prática do turismo, o que demanda uma gestão do patrimônio arqueológico realizada pela comunidade.

CONCLUSÃO

Buscou-se nesse artigo discutir alguns dados obtidos na pesquisa de campo acerca do turismo e patrimônio cultural na região da Vaaléria/AM, descrevendo as características das comunidades que compõe esse complexo territorial; a relação que estabelecem entre si e as demais comunidades do entorno, bem como a atividade turística desenvolvida na localidade.

Destaca-se a relevância da educação patrimonial tanto na esfera formal quanto informal, no sentido de fomentar debates e ações concretas para a preservação de seu patrimônio cultural, salientando que o patrimônio deve ser gerido com base nos interesses da comunidade, a fim de que o turismo no sítio arqueológico torne-se uma experiência significativa a todos os moradores do lugar.

REFERÊNCIAS.

AZEVEDO FILHO, João D'Anúzio Menezes de. A produção e a percepção do turismo em Parintins. Tese doutorado- São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

CAMARGO, H. L. Patrimônio Histórico e cultural. São Paulo: Aleph, 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Editora Unesp, 2001, p.128-142.

COSTA, F. W. S. Relatório do levantamento arqueológico no município de Manaus/AM. n. 02. 1º Superintendência Regional / IPHAN, 2006.

COSTA, Neymar Pereira; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos. Percepção e uso do conceito de meio ambiente histórico: estudo de caso no sítio arqueológico Santa Rita da Valéria, Parintins-AM. Parintins: UEA, 2014.

DIAS, Naia Maria Guerreiro, RODRIGUES, Renan Albuquerque; GOMES, Jéssica Dayse Matos;

DIAS, Naia Maria Guerreiro. Patrimônio, memória e gestão: uma nova imagem de Parintins-Am. Parintins: João XXIII, 2014.

FIORIN, Jose Luiz; A construção da identidade nacional brasileira; Ed.Bakhtiniana, São Paulo, v.1,n.1, p. 115-126, 2009.

FONSECA, Antonio Picanço (Eco) turismo e territorialidade: a (in) sustentabilidade na Boca da Valéria / Parintins – AM / Antonio Picanço Fonseca. - Manaus: UFAM, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo A. Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, 41, 2001, pg. 23-32.

_____. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003. 125p. ISBN 85-7244251-0.

GONÇALVES, Reginaldo. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHA, 2002.

GRUMBERG, Evelina. Manual de atividades práticas de educação patrimonial. Brasília:DF IPHAN,2007.

HILBERT, Peter; HILBERT, Klauss. Resultados preliminares de pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e trombetas, Baixo Amazonas.(1975) Traduzido por SIMÕES, Mário. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi1980.,

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília: Museu Imperial/ IPHAN/MinC, 1999.

LIMA, Helena Pinto; MORAES, Bruno Marcos; PARENTE, Maria Tereza Vieira. Tráfico de material arqueológico, turismo e comunidades ribeirinhas: experiências de uma arqueologia participativa em parintins, amazonas. Revista de Arqueologia Pública, nº. 8, Dez 2013. Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP.

LIMA, Helena Pinto; MORAES, Bruno Moraes. Arqueologia e Comunidades Tradicionais na Amazônia. Ciência e Cultura , v. 2, p. 39-42. São Paulo: Hucitec, 2013.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Premissas para a formulação de políticas públicas em arqueologia. In: LIMA, Tania Andrade. Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n33, 2007.

MENEZES, Lucineli de Souza. Patrimônio e Saberes Tradicionais entre comunitários da serra da Valéria, fronteira Amazonas/Pará. Anais do 3º Encontro de Políticas Públicas para a Pan-Amazônia e Caribe (EPPPAC), Artigo 35, Manaus/UFAM, 2015.

MORATTO, M. J; KELLY, R. **Arqueologia significativa**. Rio de Janeiro, 1978.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Org.) Interpretar o Patrimônio:um exercício do olhar. Belo Horizonte:UFMG, 2002.

NEVES, E. G. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PARDI, Maria Lúcia Franco. A preservação do patrimônio arqueológico e o turismo. In: LIMA, Tania Andrade. Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n33, 2007.

SIMÕES, Márcio; ARAÚJO-COSTA, Fernanda. Áreas da Amazônia Legal brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. In: Publicações avulsas do museu paraense Emílio Goeldi nº 30, Belém/Pará, 1978.

SOUZA. Márcio. **História da Amazônia**.Manaus:Valer, 2009

THOMPSON, P. **A voz do passado:história oral**.Rio de Janeiro:Paz e Terra,1998.